

CAPÍTULO 5

PREOCUPAÇÕES DIDÁTICAS EM COMPÊNDIOS DE SOCIOLOGIA DOS ANOS DE 1930

Cristiano das Neves Bodart
Elizandra Cristina Rodrigues da Silva

Introdução e procedimentos metodológicos

A Sociologia aparece no Brasil no final do século XIX como disciplina escolar e apenas na década de 1930 se tornará um curso de nível superior. A história da Sociologia está diretamente relacionada a Educação. Pensar a constituição da Sociologia no Brasil é também pensar na história da Educação nacional.

O ensino de Sociologia no ensino secundário brasileiro remonta ao final do século XIX, contudo sua permanência, ao menos no ensino secundário, foi marcada por longas interrupções. Oficialmente a primeira tentativa de introduzir a Sociologia no ensino secundário brasileiro deu-se em 1890⁶⁴, esforço que não surtiu grandes efeitos, se limitando a poucas experiências e por um período de poucos anos. A literatura especializada aponta, ao menos, quatro experiências nesse período: no Gynnasio Amazonense (1893-1898), na Escola Normal de Manaus (1893-1900), no Atheneu Sergipense (1892-1912) e no Athneu Paranaense (1892[?]) (BODART, 2018; BODART; CIGALES, 2019). Além dessas experiências, não temos conhecimento de que a Sociologia tivesse sido ensinada em outras escolas secundaristas

64 Entre maio de 1890 e janeiro de 1891 Benjamim Constant, então Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, empreendeu reformas na educação brasileiro que incluía a Sociologia no ensino secundário. Contudo, essa reforma não se efetivou plenamente, sendo alterada em 1897, quando a Sociologia desapareceu dos currículos do ensino secundário (SILVA, 2010).

entre o final do século XIX e na primeira década do século XX. Sabe-se que em 1916, no Rio de Janeiro, uma lei introduziu a disciplina “Educação moral, noções de Sociologia e Direito Usual” nas escolas normalistas, tendo sido, inclusive, publicado no ano seguinte um manual escolar com a mesma nomenclatura. Seu retorno oficial ao currículo escolar nacional ocorreu apenas com a Reforma de João Luis Alves-Rocha Vaz, em 1925, quando passou a ser disciplina obrigatória nas Escolas Normais e na Escola Secundária (MEUCCI, 2000). Entre os anos de 1925 e 1942⁶⁵ a Sociologia esteve presente no ensino secundário, em cursos preparatórios e nos cursos normal de formação de professores, desta vez com nomenclatura própria, uma vez que as experiências anteriores sempre esteve associada a outras áreas, tais como Moral e Direito.

Duas condições estão presentes nos anos de 1930 para uma ampliação do número de compêndios de Sociologia: i) significativa expansão do mercado editorial brasileiro e; ii) a presença da Sociologia no currículo escolar secundário e universitário. A década de 1930 reflete uma lógica distintas na produção de manuais, seja por conta do volume de produção, seja porque alguns manuais produzidos nesse período ganharam notoriedade até fora do país, sendo traduzidos posteriormente para outros idiomas.

No presente artigo são analisados de quatro (4) compêndios publicados nos anos de 1930. Foram selecionados compêndios produzidos com bases teóricas-metodológicas distintas dentro da década de 1930, a saber: i) duas obras produzidas no interior da corrente da Sociologia Laica brasileira (conhecida também como cientificista⁶⁶) e; ii) duas produzidas no interior da corrente da Sociologia Católica.

65 Com a Reforma Capanema, de 1942, a Sociologia deixou de ser disciplina obrigatória nos cursos secundários, com exceção dos curso normal (MEUCCI, 2000).

66 Optamos por adotar o termo “Sociologia Laica” porque os intelectuais católicos não entendiam ser sua Sociologia não cientificista. Assim, o termo que utilizamos nos parecer ser mais apropriado.

Para a seleção dos compêndios foi realizado uma pré-análise, momento o qual fez-se uma leitura “flutuante” de uma coleção de cerca de 29 livros de Sociologia publicados na década de 1930 a fim de identificar obras que se vinculassem as correntes laicas e católica. A leitura flutuante “consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2011, p. 126). Assim, a partir das impressões obtidas pela leitura “flutuante” foram identificadas duas obras publicadas nos anos de 1930 vinculadas a corrente da Sociologia Católica. Como encontrou-se dois compêndios representantes da Sociologia Católica, optou-se por selecionar compêndios de autores representantes da Sociologia Laica, mais especificamente de dois de seus maiores representantes no período: Delgado de Carvalho e Fernando de Azevedo. Foram selecionadas duas obras publicadas no mesmo ano de um do manual de Sociologia Católica de Francisca Peeters. Os autores dos compêndios que analisaremos foram agentes importantes nas definições de ambas as “correntes”, isso por ocuparem espaços políticos importantes no cenário nacional, alguns dos quais tiveram suas obras publicadas em outros idiomas.

Ainda que o critério de seleção tivesse sido a filiação intelectual-ideológica, neste trabalho não nos deteremos as discussões que envolvem as disputas ocorridas entre a Sociologia Laica e a Sociologia Católica⁶⁷. Nos voltaremos ao exame das preocupações didáticas presentes nos compêndios a fim de identificá-las e compará-las. Por preocupações didáticas entendemos aqui, grosso modo, como o esforço intencional de aplicar/usar estratégias que torne o conhecimento acessível, principalmente à alunos, o que envolve desde a linguagem do texto e organização de conteúdos até atividades para fixação/revisão dos mesmos, o que demanda esforços de transposição didática. O termo “compêndio” nos anos de 1930 estava associado a obras elementares, concisas, sem serem superficiais, sistemáticos, isto é,

67 Para isso recomendamos a leitura dos trabalhos de Cigales (2014; 2019) e Meucci (2017).

bem sistemáticos quanto a organização de seu conteúdo e suas divisões, bem escrito (ALVES, 2015). É sob esse conceito que os livros que compõem o *corpus* desta pesquisa foram nomeados.

A proposta é realizar uma análise dos compêndios selecionados, observando seus aspectos didáticos. Os compêndios são obras que trazem uma seleção de conteúdos produzidos pelo autor (diferente de seletas que são conjuntos de textos de terceiros) e muitos deles são textos escolares; estes sendo produções voltadas ao ensino e utilizados nas escolas. Dentre os textos escolares estão os textos clássicos, compêndio, seletas (antologias), apostilas, dicionários e manuais escolares. Se usarmos a classificação comeniana, teremos dois gêneros de manuais didáticos ou escolares: "livros de texto para alunos" e "livros-roteiros" (*informatorii*). O primeiro destinado aos alunos e o segundo aos professores (COMENIUS, 1976).

Assim, o artigo toma como unidades de análises (ou de significância) as características didático-pedagógicas presentes em compêndios de Sociologia publicados na década de 1930. Para tanto, uma reflexão foi feita acerca da estrutura dessas obras, fundamentada na especificidade temporal em que foi escrito e publicado, além de indagar quais aspectos metodológicos foram utilizados pelos autores para torná-los mais didáticos. Nesse sentido são analisados os primeiros esforços de transposições didáticas em compêndios de Sociologia, especialmente voltados para o ensino escolar dessa disciplina.

A análise dos compêndios justifica-se por colaborar para a compreensão das intenções das práticas pedagógicas presentes nas obras de Sociologia publicados nos anos de 1930. Reconhecemos os compêndios, inclusive os manuais escolares, enquanto artefatos historiográficos, podendo vir a ser objetos de estudo para a compreensão de todo um contexto que envolvia a cultura escolar da época (MAGALHÃES, 1999). Ao considerar a frequência cada vez mais evidente de análises em livros/manuais escolares, constata-se que os mesmos tem sido fonte documental de interpretação da cultura escolar de sua época, bem como de compreensão da organização disciplinar (MAGALHÃES, 1999),

que, no caso desta investigação, envolve o ensino de Sociologia no Brasil e a divulgação da Sociologia para além dos muros das escolas.

Consideramos importante nos atentarmos aos aspectos físicos dos compêndios, bem como para as intencionalidades nesses contidos, a que público foi destinado e o contexto histórico cultural; visto que estes aspectos determinarão a abordagem da análise a qual o pesquisador irá fixar-se e os esforços didáticos empreendidos. Não pretendemos, pelos limites impostos pelo espaço físico deste texto, realizar um estudo da noosfera (CHEVALLARD, 2013), esta entendida como uma esfera “invisível” que colabora diretamente com a escolha do conhecimento que será ensinado na sala de aula, sendo composta pelas universidades, escolas, autores, professores, pais, alunos, órgãos do governo que administram a educação, e os demais elementos que compõem o sistema de ensino ou que atuam diretamente sobre ele (CHEVALLARD, 1998; 2013). Antes, centraremos nossos esforços em analisar os compêndios de Sociologia e seus autores; principalmente àqueles. Assim, nos voltamos para o que Chevallard (1998) denominou “transposição didática externa”, sendo aquela ocorrida ainda fora da sala de aula, marcada pela transposição do “saber sábio” em “saber ensinável”. Esse nosso foco dar-se por ao menos dois motivos: i) nem todos os compêndios eram usados em sala de aula, portanto não passando por transposição didática interna e; ii) não nos seria possível, pela escassez de fontes, analisar como esses compêndios eram utilizados em sala de aula.

Por saber sábio entende-se o conhecimento “bruto” produzido pelos cientistas/pesquisadores sem que haja preocupação de ensiná-lo e transmiti-lo aos não especialistas. Por saber ensinável entendemos aquele que se encontra em condições de ser assimilado e apreendido por não especialistas, especialmente estudantes do Ensino Básico. Nesse sentido, compreendemos que compêndios são resultantes da transposição externa e trazem em si saberes ensináveis, ainda que, nos casos dos manuais, carecendo de

transposição didática interna, sendo esta a transposição de seu conteúdo às condições cotidianas de aprendizagem dos alunos.

Partindo de uma análise das estruturas desses compêndios, buscou-se notar os aspectos didáticos orientadores e facilitadores da compreensão do conhecimento transmitido.

Dessa forma, houve uma preocupação na verificação desses aspectos à luz de contributos da Teoria da Transposição Didática (TTD), ou seja, verificar as estruturas das obras e os recursos expostos nelas que visassem torná-las compreensíveis ao público alvo. Dito isto, nos voltamos aos esforços dos autores e/ou editoras em tornar os conteúdos de Sociologia dos anos de 1930 em saberes ensináveis. Cabe ressaltar as dificuldades em analisar aspectos didáticos em objetos tão distantes no tempo, época que as preocupação didáticas ainda eram incipientes – sobretudo se tratando de uma disciplina que acabara de ser introduzida no currículo escolar - e nem mesmo havia sido desenvolvida uma teoria da transposição didática. Contudo, observar os esforços empreendidos para transmitir o conhecimento colabora para a compreensão da História da Educação brasileira.

Destacamos que,

[...] um conteúdo de saber que tenha sido definido como saber a ensinar sofre, a partir de então, um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O trabalho que faz de um objeto de saber a ensinar objeto de ensino é chamado de transposição didática (CHEVALLARD; BOSH; GASCÓN, 2001, p. 20).

O *corpus* da pesquisa é composto por quatro (4) compêndios de Sociologia publicados nos anos de 1930 que apresentam alguma preocupação didática, três deles configurando o conjunto dos primeiros manuais escolares de Sociologia publicados no Brasil. As obras que compõem o *corpus* desta pesquisa são apresentadas no quadro 1.

Quadro 1 - *Corpus* da pesquisa.

Bases teóricas-metodológicas	Autor	Título	Editora	Local	Ano
Sociologia Laica brasileira	Delgado de Carvalho	Sociologia Aplicada	Companhia Editora Nacional	SP-SP	1935
	Fernando de Azevedo	Princípios de Sociologia	Companhia Editora Nacional	SP-SP	1935
Sociologia Católica brasileira	Madre Francisca Peeters	Noções de Sociologia	Comp. Melhoramentos de São Paulo	SP-SP	1935
	Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima)	Preparação à Sociologia	Schimidt, Editor	RJ-RJ	1931

Fonte: Elaboração própria.

A obra *Preparação à Sociologia*, de Tristão de Athayde, é a única que não podemos classificar como manual escolar. Sua inserção no *corpus* desta pesquisa dar-se por: i) sua importância no norteamento de manuais de Sociologia Católica, sendo figura de maior destaque e mencionados por muitas outras obras de Sociologia Católica (CIGALES, 2019), inclusive para a obra *Noções de Sociologia*, de Francisca Peeters, a qual o cita logo no em suas primeiras páginas e; ii) termos um parâmetro de comparação entre compêndios escolares e compêndio não escolar.

O objetivo geral deste artigo é identificar os primeiros esforços de transposição didática na transmissão do conhecimento Sociologia presentes em compêndios representantes da Sociologia Laica brasileira e da Sociologia Católica, buscando observar se os manuais escolares se diferenciava do compêndio não escolar. Para tanto, tomou-se algumas categorias apriorísticas de análise, destacadas no quadro 2.

Quadro 2 - Categorias apriorísticas observadas nos manuais escolares de Sociologia dos anos de 1930.

Aspectos didáticos da obra	Aspectos gerais da obra	Autor
Público destinado	Editadora	Nome
Sumário	Coletânea ou série	Formação
Sistematização dos conteúdos	Nº de edições publicadas	Relação com a docência
Atividades recomendadas aos alunos	Ano da 1ª edição	Posição no cenário educacional
Dicas de leituras complementares	Local de publicação	Posição ideológica
Recursos visuais (usos de negrito ou itálico, imagens, gráficos, tabelas, esquemas, etc.)	Número de páginas	
Apresentação dos objetivos dos conteúdos	Tamanho da fonte	

Fonte: Elaboração própria.

O artigo se organiza da seguinte forma: introdução; apresentação e análise das obras e seus respectivos autores e; as considerações finais. Na seção a seguir trazemos um breve biografia dos autores juntamente com a análise das obras selecionadas, sendo observados aspectos gerais e elementos didáticos. A fim de tornar a exposição mais organizada, a subdividimos em subseções, as quais são destinadas a cada um dos autores e suas respectivas obras que compõem o *corpus* desta pesquisa. Evidenciamos que não é objetivo desta pesquisa realizar generalizações, antes apresentar fragmentos das preocupações didáticas presentes nos compêndios analisados.

Contando com as contribuições de autores como Magalhães (1999); Choppin (2009) e Chevallard (1998) a análise vislumbrou compreender os aspectos didáticos presentes nas obras, visto que a análise dos compêndios possibilita uma verificação das práticas e metodologias utilizadas para dar suporte ao fazer pedagógico em concordância, logicamente, com cada época em que o mesmo

destinava-se, a julgar que as obras analisadas compõem marcos de um momento histórico importante para o ensino de Sociologia no Brasil e para os rumos tomados pela Educação brasileira.

Os autores e suas obras

Na presente seção são apresentados os autores e suas respectivas obras, as examinando a fim de identificar as preocupação didáticas-pedagógicas empregadas. Para tanto, subdividiu-se esta parte em quatro, de acordo com as obras analisadas.

A originalidade deste trabalho não está na escolha dos objetos. Antes na proposta de análise: observar os esforços didáticos dos autores e editoras e, conseqüentemente, o empenho em realizar transposição didática dos conteúdos de Sociologia nos anos de 1930 no interior de seus respectivos projetos educacionais.

Outros pesquisadores voltaram-se para análise de alguns dos manuais selecionados para esta pesquisa. Podemos citar o recente trabalho Meucci (2017) que se debruça sobre o texto escolar “Noções de Sociologia”, de Francisca Peeters, buscando compreender o projeto educacional presente na obra, a qual denominou de “catecismo sociológico”. Cigales (2019) também tomando esse mesmo manual investigou o projeto civilizacional contido nele. Oliveira e Gatti Júnior (2018, p.1) analisando esse mesmo manual buscaram “compreender as proposições católicas no campo cultural, particularmente, a partir das Escolas Normais confessionais”, para o qual era destinado. Brito (2015) se debruçou sobre manuais escolares produzidos por Delgado de Carvalho, inclusive os que aqui analisamos. O interesse de Brito (2015, p. 116) esteve em “desvelar o conteúdo e a proposta de utilização das obras de Delgado de Carvalho e; destacar as especificidades do compêndio, enquanto instrumento de trabalho hegemônico no ensino secundário nesse momento histórico”.

É importante mencionar que os autores estão inseridos em projetos educacionais diversos e que as Sociologias produzidas e ensinadas se manifestam de diferentes formas. Os anos de 1930

são marcados, no Brasil, por uma disputa do projeto educacional para o país. Grosso modo, no interior da Sociologia que chegava às escolas⁶⁸, temos, de um lado, os que se auto intitulavam representantes da Sociologia Laica, do outro representantes da Sociologia Católica (ou Cristã) (MEUCCI, 2000; CIGALES, 2014; BODART; MARCHIORI, 2015).

Já no final do século XIX havia o intento de proporcionar à Sociologia *status* de ciência. No Brasil, um grupo de intelectuais se aproximava do “cientificismo norte-americano, continuidade do cientificismo europeu que colocava a escola como ajustamento social, concepção herdeira do evolucionismo materialista e, portanto, em contradição com os ideais do cristianismo” (DAROS, PEREIRA, 2015, p. 258).

Grosso modo, podemos afirmar que com o desenvolvimento de uma Sociologia Científica, a Igreja Católica passou a promover a sua própria Sociologia, sendo esta uma reação às transformações da sociedade e aos riscos que pareciam impor ao ideário católico (DAROS; PEREIRA, 2015), incluindo as explicações positivistas, evolucionistas e cientificistas que se desenvolviam no país (BODART; MARCHIORI, 2015, p. 22).

No presente trabalho buscamos observar textos escolares que podem ser classificados como produções de autores defensores da Sociologia cientifista/Laica e da Sociologia Católica.

Delgado de Carvalho

Carlos Miguel Delgado de Carvalho nasceu em Paris, em 4 de novembro de 1888. Carvalho teve uma boa formação intelectual. Estudou em escolas renomadas da capital francesa. Graduou-se em Letras, pela Universidade de *Lyon*, e ingressou no Curso de Direito

⁶⁸ Embora uma divisão entre “cientificistas” e “Católicos” estivesse em evidência nos anos de 1930, havia outras disputas pela hegemonia explicativa do social, tais como àquelas envolvendo explicações jurídicas, positivistas e evolucionistas (SILVA, 2010).

da Universidade de Lausanne, na Suíça, quando, por fim, realizou o Curso de Ciências Sociais na *École Libre des Sciences Politiques* de Paris (ANDRADE, 2013).

Sua trajetória bibliográfica no Brasil teve início logo com sua chegada, em 1905, quando veio para o país com o intuito de escrever sua tese de doutorado do Curso de Diplomática da Escola de Ciências Políticas. Um ano depois, em 1906, Carvalho mudou-se definitivamente para o Brasil, quando foi empregado pelo Jornal do Comércio, onde seus artigos ainda eram escritos em francês e traduzidos para o português por companheiros de trabalho. Devido às suas relações de trabalho, Carvalho pôde estar em contato com alguns estudiosos e intelectuais da época, tais como: Oliveira Lima, Luiz Delphino, Rocha Pombo, José Oiticica, João Ribeiro, dentre outros (ANDRADE, 2013).

Sua trajetória bibliográfica também foi marcada por sua atuação no âmbito da Educação, tornando-se esta uma de suas áreas de estudo, incluindo quando foi nomeado para cargos no Ensino Secundário e também quando aprovado para ocupar a cadeira de Inglês do Colégio Pedro II. Carvalho também atuou nas Escolas Normais lecionando de Geografia, História Moderna e Sociologia. Delgado de Carvalho desempenhou um papel muito importante para consolidação da Sociologia como disciplina escolar na escola secundária nos anos de 1930 (BRITO, 2015), sendo um dos mais conhecidos autores de manuais da Sociologia Laica. Por seu papel de destaque nesse contexto, tomamos um de seus manuais como objeto de análise, o qual passamos a examinar a seguir.

Manual “Sociologia Aplicada” (1935)

A obra “Sociologia Aplicada”, de Delgado de Carvalho, foi publicada em 1935 pela editora paulista “Companhia Editora Nacional”. O livro integrava a coleção denominada “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, estando no âmbito do projeto editorial cuja série se intitulava “Atualidades Pedagógicas”. Tratava-se da série

III, volume XVII⁶⁹, dirigida por Fernando de Azevedo. Como destacado na orelha dos livros da coleção, tratava-se de “uma coleção de obras especiais destinadas aos professores e educadores”.

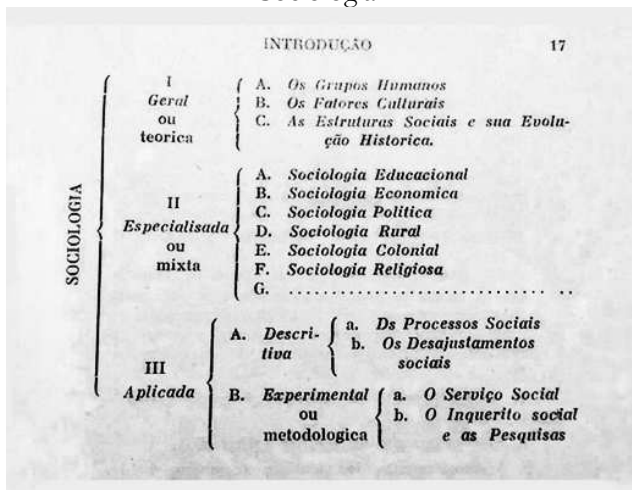
O público alvo da obra “Sociologia Aplicada” eram as escolas de professores dos institutos de Educação e Faculdades de Educação, Ciências e Letras, o que evidencia uma intenção pedagógica do autor. Seu envolvimento com a Educação certamente teve influência na produção da obra e na definição de seu público.

A obra possui 458 páginas, estando o corpo do texto diagramado em fonte tamanho 12, com poucas notas de rodapé com fonte menor, no tamanho 7. Os títulos das seções estão em fonte maior, tamanho 14. Para destaque de termos ou palavras Carvalho recorreu ao uso de itálico. No final de cada capítulo há “tópicos a discutir” em letras menores, aparentando tamanho 9.

Delgado de Carvalho organizou sua obra em duas partes: i) os processos sociais e; ii) os desajustamentos. Tais partes estão organizadas em quinze (15) capítulos. Além disso, a obra traz uma introdução onde o autor apresenta aos leitores “Sociologia Aplicada”. Aqui o autor faz uma breve exposição das divisões da Sociologia em: i) Sociologia geral ou teórica; ii) especializada ou mista; iii) aplicada. Há uma preocupação do autor distinguir a vertente da Sociologia presente nas obras das demais, recorrendo para isso ao uso de um esquema, como se observa na figura 1.

⁶⁹ Até então haviam publicado nessa mesma coleção Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Arthur Ramos, A. Almeida Júnior, Celso Kelly, Djacir Menezes, Sílvio Rabelo e A. Carneiro Leão. Além destes, estiveram presentes na coleção alguns autores que foram traduzidos, tais como John Dewey, Ed. Claparède, Adalbert Czerny, Henri Pieron, Henri Wallon e A. M. Aguayo.

Figura 1 – Esquema elaborado para explicar as vertentes das Sociologia.



Fonte: Carvalho (1935).

Delgado de Carvalho deixa claro defender uma Sociologia que volta-se ao empirismo social, ao “mundo das realidades, das aplicações práticas” (CARVALHO, 1935, p. 14).

No início de cada parte há uma lista dos capítulos. E no início de cada capítulo há um sumário (sem indicação de paginação) dos temas que serão tratados. No interior dos capítulos o autor recorre ao uso de itálico para destacar obras citadas e palavras-chave. Há também alguns poucos usos de enumerações para organizar os conteúdos.

As referências são indicadas de forma textual, sem indicações claras das obras, quase sempre apenas destacando o autor das ideias mobilizadas ao longo do texto. Em alguns momentos destaca-se os títulos das obras que colaboram com a exposição dos conteúdos. Em poucos casos, há indicação do título, autor e página quando o recorre à citações diretas. Muitas das citações diretas são destacadas com uso de aspas sem que esteja evidenciado sua origem. Os leitores que desejaram recuperar os textos originais que fundamentam sua exposição encontrarão dificuldade, pois a obra não traz detalhes dos textos utilizados (tais como edição, editora e

ano), nem mesmo em forma de lista de referências bibliográficas ao fim dos capítulos ou do livro.

Ao longo da obra “Sociologia Aplicada”, Carvalho apresenta diversos conceitos sociológicos. Na segunda parte recorre a dados estatísticos estaduais, nacionais, internacionais ou de outros países para realizar análises de situações concretas. O autor buscava evidenciar uma Sociologia que não se limitasse à teoria, mas que também estivesse ancorada na empiria. Ao longo da obra cita fenômenos e/ou dados estaduais e nacionais, o que acreditamos tornar o conteúdo mais significativo para os alunos/leitores. Como destacou Brito,

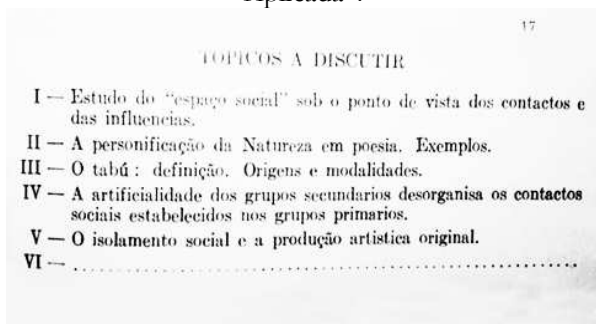
Centrado em distinguir sociologia teórica e aplicada, com base na contribuição do sociólogo norte-americano Lester Frank Ward, o autor especifica que essa última estaria reservada a tarefa de chegar a ser uma ciência que colaboraria para o controle social. Denotando já certa influência do pragmatismo norte-americano sobre seu trabalho, Delgado de Carvalho enfatizava a importância da pesquisa com base dessa ação prática do contexto social, sobretudo da investigação quantitativa (2015, p. 140).

No que tange a preocupação de Chevallard (1998) com a articulação entre o conhecimento novo com o antigo, para não trazer desconfiância por parte dos leitores, observamos na obra a preocupação de tal articulação a fim de demonstrar que o conhecimento transmitido é resultado de um acúmulo e avanços no conhecimento dos fenômenos sociais.

Ao fim de cada capítulo, excetuando o sétimo, há o que o autor denominou de “Tópicos a Discutir” (ver figura 2). Nele Carvalho (1935) apresenta, para reflexão, 4 a 8 questões envolvendo os temas tratados. No sétimo capítulo a obra traz o que o autor denominou de “Trabalhos práticos” (ver figura 3), sendo indicações de atividades de campo, de inquéritos e de pesquisa bibliográfica, e proposta de elaboração de “planos educacionais para atenuar os efeitos da pobreza” (CARVALHO, 1935, p. 181). É possível perceber que há um direcionamento de

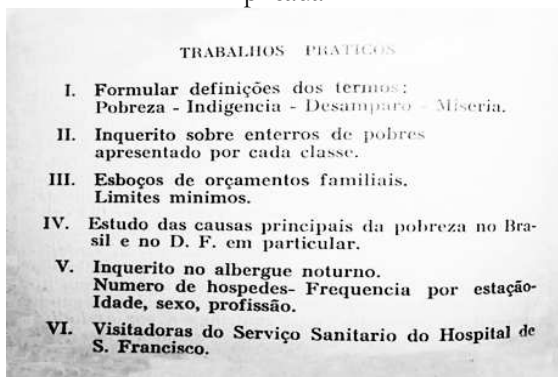
atividades e/ou norteamento para o leitor se aprofundar na reflexão. Contudo, não encontramos na obra indicações de leituras complementares.

Figura 2 – “Tópicos a discutir”, elemento didático da obra “Sociologia Aplicada”.



Fonte: Carvalho (1935, p. 53).

Figura 3 – Trabalhos Práticos, elemento didático da obra “Sociologia Aplicada”.



Fonte: Carvalho (1935, p. 180).

Nota-se na obra a presença de tabelas estatísticas para dar subsídio ao leitor, bem como uma interpretação posterior dos dados apresentados. Percebe-se, dessa forma, que o autor preocupou-se com a forma como o conteúdo proposto chegaria ao seu público alvo. Podemos inferir que há uma intenção e ação clara

de contextualizar os conhecimentos para que estes sejam “ensináveis”. Notamos, tanto na proposta de utilidade da Sociologia, quanto nas atividades trazidas no manual, que há um esforço em tornar o saber em exercícios e problemas, como preconizado por Chevallard (1998).

Há obra uma organização lógica que colabora para que os alunos compreendam melhor os conteúdos, aspecto típico de manuais escolares da época. Delgado de Carvalho inicia com temas gerais (processos sociais), abordando como “funciona” uma sociedade, passando por temas como “elementos e estruturas da comunidade”, “contratos sociais” e “interação social”, para posteriormente apresentar os “desajustamentos”, a fim de a partir daí demonstrar a aplicabilidade da Sociologia para os estudos e resolutividade desses problemas sociais. Esse é parte dos aspectos que envolve a transposição didática, uma vez que o saber sábio não se apresenta de forma “hierarquizada” de acordo com sua complexidade, sendo necessário o esforço de organizá-lo para tornar-se mais didático.

Como destacou Verret (1975), no processo de transposição didática o saber desliga-se dos vínculos autorais, apresentando-se como um saber “despersonalizado”. Ainda que as abordagens sejam fundamentadas teoricamente, muitos saberes são despersonalizados, sendo suprimido as condições de produção do conhecimento a fim de torná-lo mais acessível, ou, nos termos de Chevallard, ensinável.

Fernando de Azevedo

Nascido em São Gonçalo do Sapucaí (MG), em 2 de abril de 1894, Fernando de Azevedo foi educado a maior parte de sua vida em colégio jesuítico. Enquanto ainda estava no seminário, o mesmo lecionou pela primeira vez como professor substituto, sendo este o seu primeiro contato com o magistério.

Azevedo graduou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, mas a despeito de sua formação sempre esteve presente no cenário educacional, quando, na década de 1920 fez parte do movimento

de renovadores da Educação (ALMEIDA; CIMINO, 2012). Durante as décadas de 1920 e 1930 atuou como Diretor da Instrução Pública no Distrito Federal (Rio de Janeiro) e em São Paulo (NASCIMENTO, 2011). Entre 1927 a 1930, realizou, por convite do prefeito Antônio Prado Junior e indicação de Washington Luiz, importante reforma educacional no Rio de Janeiro.

Em 1932 foi escolhido como redator do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, auxiliando também na inauguração da Universidade de São Paulo, em 1934. Durante toda sua trajetória Azevedo fez-se presente na área da Educação no Brasil, tendo como enfoque a Sociologia; especialmente a partir de 1934 cujo locus de atuação foi a Universidade de São Paulo.

As obras de Fernando de Azevedo foram destaques pela sua magnitude no estabelecimento da identidade da Sociologia perante o cenário nacional (NASCIMENTO, 2012), tendo produzido várias obras, destaca-se um dos mais significativos manuais produzidos (Princípios de Sociologia), que, dada sua importância e recorte temporal, foi selecionado por nós para análise.

“Princípios de Sociologia: pequena introdução ao estudo de Sociologia Geral” (1935)

A obra "Princípios de Sociologia: pequena introdução ao estudo de Sociologia Geral", de autoria de Fernando Azevedo, é um obra publicada em 1935 pela editora “Companhia Editora Nacional” no contexto da coleção “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, dirigida pelo próprio autor, integrando a série “iniciação científica” (vol. IX). Como destaca o autor na introdução, o “livro, - uma pequena introdução ao estudo de sociologia geral, - não pretende mais do que iniciar e orientar os estudantes nessa nova ciência e fornecer aos professores uma fonte segura de informações” (AZEVEDO, 1935, p. 21).

Embora a obra não indique o nível de ensino a qual é destinada, na introdução há uma preocupação em orientar os professores do ensino secundário quanto ao seu papel em

contribuir para a cultura geral, afirmando não ser o de “fazer dos alunos físico, químicos ou sociólogos de profissão”, antes lhes cabendo, “sem dívida, despertar neles o espírito científico, iniciá-los e adestrá-los no exercício dos métodos científicos e habituá-los ao esforço e á fadiga de pensar por si mesmos” (AZEVEDO, 1935, p. 32). Como inferimos à Delgado de Carvalho, o envolvimento de Fernando Azevedo com a Educação possivelmente o influenciou na produção da obra e na definição de seu público; como lecionava na Universidade de São Paulo, é de se esperar que a tenha usado em suas aulas.

A obra possui 404 páginas, estando o corpo do texto diagramado em fonte tamanho 11, com algumas notas de rodapé com fonte menor, no tamanho 6. Os títulos dos capítulos estão em fonte maior, tamanho 16 e em caixa alta. Para destaque de termos ou palavras Delgado de Carvalho recorreu ao uso de aspas. No início de cada capítulo há uma espécie de sumário. Já no final de cada capítulo há o que denominou “Problemas e discussões” em letras menores, aparentando tamanho 9, e referências bibliográficas, com fonte de tamanho 7.

O livro divide-se em cinco partes: i) os fatos sociais, contendo seis capítulos; ii) “a penetração do espírito científico no estudo dos fatos sociais”, composto por 3 capítulos; iii) “a ciência social”, também com três capítulos; iv) “as escolas sociológicas do ponto de vista do método”, contendo cinco capítulos e; v) “as escolas do ponto de vista da explicação dos fatos sociais”, composto também por cinco capítulos. Como Delgado de Carvalho, Fernando de Azevedo apresenta uma preocupação em distinguir a vertente da Sociologia que adota (no seu caso claramente durkheimiana) das demais vertentes científicas, evidenciando uma preocupação maior com o método. Para ele “As regras do método sociológico, de E. Durkheim, retificadas em um ou outro ponto e desenvolvidas com as novas conquistas feitas, no terreno metodológico, são, no entanto, ainda hoje a contribuição mais sólida e original para o tratamento científico dos fatos sociais” (AZEVEDO, 1935, p. 299). Ambos os autores ignoram o que era chamado na época de “Sociologia Cristã”; silêncio que pode significar uma estratégia de

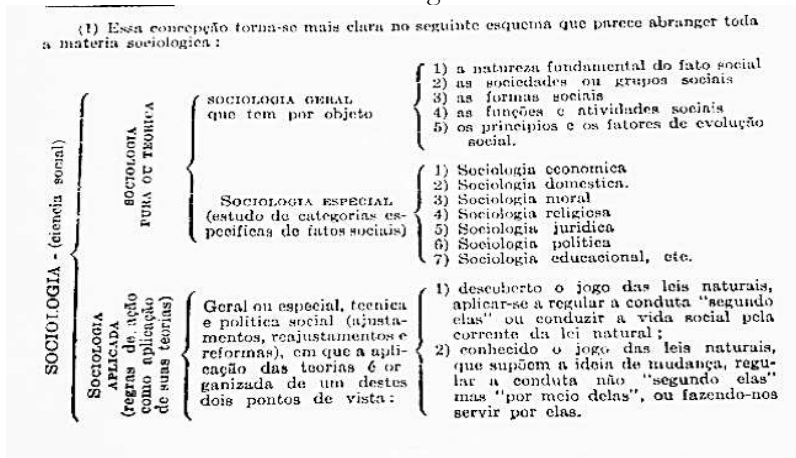
combate a essa Sociologia (ver. figura 4). Não passa despercebido o fato da obra trazer em sua capa uma pintura do perfil de Émile Durkheim e, em folha de rosto a de Augusto Comte; o que evidencia, logo de início, seu alinhamento teórico-metodológico.

No que tange a articulação entre o conhecimento novo com o antigo, característico da transposição didática (CHEVALLARD, 1998), observamos que o autor os apresenta de forma a transmitir ao leitor que o conhecimento que se pretende transmitir é resultado de acúmulos e avanços do conhecimento dos fatos sociais.

Observando a organização dos conteúdos, notamos que o autor parte de conteúdos mais genéricos (fatos sociais) para os mais complexos (perspectivas epistemológicas e metodológicas), o que evidencia um esforço pedagógico em conduzir o processo de aprendizagem considerando o grau de complexidade do conteúdo; aspecto desejável em manuais didáticos.

Nota-se, ao longo da obra, um esforço em apresentar a Sociologia como ciência, apontando-a como um instrumento racional e metódico de pensar os fatos sociais.

Figura 4 – Esquema elaborado para explicar as vertentes das Sociologia.

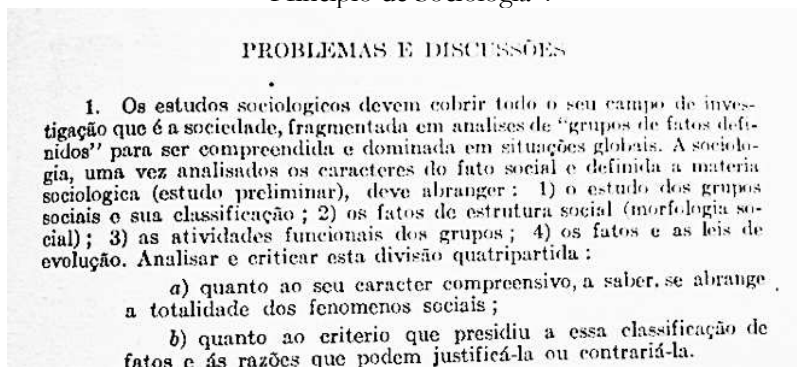


Fonte: Azevedo (1935, p. 161).

O autor apresenta ao longo da obra diversas citações, as quais, segundo ele “foram inspiradas pelo desejo de não só reproduzir com maior exatidão e fidelidade as ideias e as teorias expostas, como também de multiplicar os pontos de contacto com os autores citados e os estímulos e as sugestões para as leituras sociológicas” (AZEVEDO, 1935, p. 21). Aqui se observa a intencionalidade pedagógica do autor, impressa em uma estratégia didática que julgava importante para despertar o interesse dos leitores/alunos em se aprofundar nos temas tratados no compêndio.

O tópico “Problemas e Discussões” (ver figura 5) busca induzir o aluno a recapitular os conteúdos abordados, a fim de certificar se o leitor/aluno conseguiu se apropriar daquilo do conhecimento esboçado no manual. Basicamente, as atividades são direcionamentos para que o aluno explique métodos, técnicas ou teorias dos autores estudados, assim como realizar comparações entre eles. O número de atividades desse tópico varia entre 6 e 8 questões.

Figura 5 – “Problemas e Discussões”, elemento didático da obra “Princípio de Sociologia”.



Fonte: Azevedo (1935, p. 103).

O autor fez pouco uso de enumerações (apenas 3), de esquemas (apenas 1), de gráficos (apenas 5, todos no mesmo capítulo) e de lista (apenas 1). Ressalta-se que este é o único manual que traz imagens. As imagens, por limitações gráficas da época,

foram coladas no livro após sua impressão. Trata-se de pinturas e fotos de autores citados, são eles: Augusto Comte, Le Play, Gabriel Tarde, Durkheim, Ferdinand Tönnies, Georg Simmel, Vilfredo Pareto, Lester Ward, Franklin Giddings, William Graham Sumner, Werner Sombart, Max Weber, Frans Oppenheimer e Leopold Von Wiese.

As referências são indicadas ao fim de cada capítulo, sendo possível identificar o texto original. No fim do livro o leitor encontra uma outra lista dos “manuais e tratados” citados ao longo da obra.

Comparativamente a obra de Delgado de Carvalho (1935), o manual *Princípios de Sociologia*, de Fernando de Azevedo, possui aspecto mais teórico e menos didáticos. A obra não trata de questões tipicamente nacionais, voltando-se a exposições mais gerais dos fatos sociais e das teorias sociológicas desenvolvidas até aquele momento. Diferentemente do que observamos na obra de Carvalho, o autor se preocupou menos com a forma/didática e mais com o conteúdo a ser exposto na obra. Não podemos inferir que há uma esforço didático que visasse o contextualizar os conhecimentos, bem como apresentá-los de formas variadas para que estes fossem ensinados a alunos do ensino secundário. Também não observamos orientações/recomendações voltada aos professores, além da indicação de que não os cabe formar, no ensino secundário, sociólogos profissionais. Sua afeição se assemelha aos compêndios da época voltados ao Ensino Superior, o que nos faz crer que tivesse sido esse nível de ensino o seu foco principal⁷⁰.

Esse aspecto mais teórico parece ser uma preocupação do autor, que se justifica, na introdução, de qualquer simplificação do conhecimento que possa levado o conteúdo à “obscuridade”; termo usado por ele. Para o autor tal dificuldade repousa no fato de ser tratar da elaboração de manual destinado ao “ensino de uma ciência complexa, como a Sociologia, e ainda em formação”

⁷⁰ Era comum os manuais serem apropriados por professores e alunos de variados níveis de ensino.

(AZEVEDO, 1935, p. 21). Nota-se que o autor reconhece a complexidade de realizar aquilo que hoje denominamos transposição didática, sobretudo sem que o saber sábio seja deturpado ao tornar-se saber ensinável. Suas abordagens mais teóricas tornam, comparativamente ao manual de Carvalho (1935), seu conhecimento mais despersonalizado, não sendo significativamente suprimida as condições de produção do conhecimento a fim de torná-lo mais acessível; fato que reforça por meio das imagens e fotografias. Por todos esse aspecto, o manual parece dialogar com alunos do curso superior, lócus de atuação profissional do autor.

Madre Francisca Peeters

Francisca Peeters nasceu na Bélgica, na cidade de Tournai, em 21 de outubro de 1876 (MOREIRA; MARTINELLI, 2015). Apesar de seu nome de batismo ser Elisabeth Peeters, ao adotar a vida religiosa, em 1897, passou a chamar-se Francisca Peeters.

A mesma concluiu seus estudos no Colégio Santo André de Tournai, mas logo foi solicitada, pelo então bispo de São Carlos, a estar em São Paulo em virtude da abertura de Colégios em sua diocese. Peeters atuou como educadora no Grupo Escolar Coronel Vaz, além de trabalhar na organização do Colégio Santo André da Escola Normal. Foi uma das primeiras mulheres a escrever manuais escolares brasileiros de Sociologia, sendo pioneira nessa seara, conforme aponta Meucci (2000), Campos (2002) e Cigales (2014). Publicou ainda “Sereis minhas testemunhas” e, em colaboração com Madre Maria Augusta de Coomam, escreveu: “Pequena História da Educação”. No entanto, em 1956, Peeters abriu mão de suas atividades no magistério e dedicou-se a outras atribuições religiosas (MOREIRA; MARTINELLI, 2015).

Meucci (2019) ao analisar a Sociologia presente no manual escolar “Noções de Sociologia” afirmou que tratava-se de um “catecismo sociológico”. Cigales (2019, p. 20), atestou, ao se debruçar sobre os conteúdos, que as “premissas estavam de acordo com o projeto normativo da Igreja Católica de recristianização da

sociedade e de garantir um espaço privilegiado da Igreja junto ao campo político e cultural brasileiro”. Dito isto, Francisca Peeters era uma representante da Sociologia Católica. Nos resta analisar como se imprimiu seu esforços didáticos no manual de Sociologia que produziu.

Manual "Noções de Sociologia" ([1935]1938).

A obra "Noções de Sociologia", de Madre Peeters, teve sua primeira edição publicada pela editora paulista "Proprietária Companhia Melhoramentos de São Paulo", em 1935. Nossa análise deu-se sobre a segunda edição, publicada em 1938, a qual tivemos acesso.

É importante mencionar que a Santa Sé esteve destinando grandes investimentos para a criação de Dioceses e escolas nas primeiras décadas do século XX. Como destacou Cigales (2019, p. 4), o objetivo estava em reforçar sua missão de “ser a principal instituição religiosa no país, caberia, portanto, aos intelectuais católicos a luta contra as diversas correntes teóricas que colocavam em xeque o poder da Igreja junto ao campo político e educacional”. O texto escolar da Madre Peeters estava inserido nesses esforços. Como destacou Furtado,

Os temas abordados no livro “Noções de Sociologia” da Madre, apresentavam-se como uma espécie de sermões, carregado de advertências, em consonância com os postulados de cultivo ao espírito em oposição à matéria, crítica à modernização social que se apresentava e ate mesmo aos próprios paradigmas do Estado (2007, p. 169)

Tratava-se de uma obra didática que se opunha aos ensinamentos da Sociologia Laica e que visava transmitir aos normalistas concepções da Sociologia Católica.

Diferente da 1ª edição que contém 230 páginas, a segunda possui 332 páginas. Na advertência para a segunda edição Peeters afirma que, “a necessidade de o adaptar as exigências dos programas oficiais para Escolas Normais, obrigou a A. uma

remodelação quase completa. Todavia a ampliação do volume não lhe alterou as afeições de simples auxiliar de alunos. Não é destinado a eruditos” (PEETERS, 1938, p. 7). Essa explicação revela o público alvo da obra: Escolas Normais. Pelo conteúdo e proposta, o manual era utilizado nas escolas confessionais católicas. Na capa da obra o leitor encontra uma imagem de Santo Tomaz de Aquino, já apontando para a perspectiva epistemológica da autora: o catolicismo.

Quanto a diagramação da obra, o texto está em fonte tamanho 11. Os títulos dos capítulos estão em negritos com fonte 12. No início de cada capítulo há um sumário com fontes menores, tamanho 8. Os subcapítulos estão negritados, sendo distinguidos por número, enquanto que estes são subdivididos por meio de letras. Recorre-se ao uso de itálico para destacar palavras-chave ou trechos. Há também o uso de caixa alta para destaques, embora esse recurso tivesse sido pouco utilizado.

O livro traz os seguintes elementos, nessa ordem: “À Guisa de Apresentação”, “Advertência Preliminar da primeira edição”, “Advertência para a segunda edição”, seguido pelos capítulos. O índice da obra é apresentado no final do livro. A obra está dividida em seis partes, algumas delas subdivididas em seções. Ao todo são 54 capítulos (incluindo os capítulos preliminares), tendo um sumário no início de cada um deles.

Na “Advertência Preliminar” é exposto o objetivo do compêndio escolar, o qual “visa apenas fornecer aos alunos bases sólidas para o trabalho pessoal sem o qual não há instrução verdadeira” (PEETERS, 1938, p. 5). Juntamente a este esclarecimento, é trazido, brevemente, o papel do educador. Para a autora, “um professor dedicado e instruído lhes imprimirá o seu cunho pessoal e a desejável originalidade e complementará as ideias voluntariamente esboçadas a largos traços”. Nota-se, aqui, que a autora, de certo modo, reconhece - não nesses termos - a incompletude da transposição didática da obra, sendo necessária uma transposição didática interna a fim de que o conhecimento se torne compreensível aos alunos.

As citações ao longo do texto aparecem de forma indireta, trazendo informações nem sempre completas que possibilite recuperar as obras utilizadas como referências. Não há na obra notas de rodapé.

A autora, para organizar os conteúdos recorre as enumerações. Não há uso de imagens, figuras ou gráficos. Há apenas uma tabela apresentando alguns dados estatísticos sobre as condições do ensino no Brasil (PEETERS, p. 269).

A obra não traz atividades e indicações de leituras complementares ou outros elementos didáticos. Há apenas dois apêndices (textos complementares), estando um no final do capítulo 2, da terceira parte; e outro ao fim do manual. Na “advertência para a segunda edição”, a autora afirma que:

Julgou-se inútil indicarem-se assuntos de pesquisas e de inquéritos. Além de terem sido indicadas nos programas em número apreciável << Investigações sociais em nosso meio >> cada professor deve preservar a sua autonomia e seus métodos, baseados nas regras gerais da estatística e da monografia (PETTER, 1935, p. 7).

Percebe-se que a escrita é voltada para uma análise da sociedade vigente, que em certos momentos faz reflexões imbricadas de conceitos sociológicos (cientifistas) e preceitos e valores católicos. Notamos na obra uma preocupação em tratar de questões nacionais e cotidianas, o que acreditamos aproximar os alunos dos temas tratados. Outra estratégia presente de aproximação com os alunos/leitores e o uso de expressões direitas e menos formais, tais como: “como vimos”, “estudaremos”, reservamos para o capítulo” e “no início de nosso estudo”.

Igualmente aos dois manuais anteriormente examinados, a obra de Peeters parte de conceitos mais gerais (Noções Gerais) para temas mais específicos da Sociologia, fornecendo bases conceituais para a compreensão das demais partes do manual. Dito isto, a obra apresenta, além de compendiar o conhecimento, estrutura organizativa dos conteúdos compatível com as recomendações didáticas para um manual.

O manual de Peeters apresenta conteúdos, se comparado aos demais manuais da Sociologia Laica, com saberes mais despersonalizados, tornando-os mais acessível/ensináveis. Os produtores do conhecimento aparecem apenas quando se trata da “Sociologia positivista” combatida na obra. Ela transmite conteúdos da Sociologia Católica sem produtores, sobretudo por partir do pressuposto de que todo o saber advém de Deus. No que tange a preocupação em articular o saber novo com o antigo, notamos que a autora não a realiza, antes apresenta o conhecimento sociológico como imutável, advindo na ordem divina.

Tristão de Athayde

Tristão de Athayde era o pseudônimo de Alceu Amoroso Lima. Este nasceu no Rio de Janeiro, em 11 de dezembro de 1893. Foi líder católico, sendo Conde Romano, pela Santa Sé (DHBB, 2001). Formou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro em 1913, tendo trabalhado como advogado, no Itamaraty, administrador da empresa de tecidos da família, escritor, jornalista e professor. Em 1941 colaborou ativamente para a formação da Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde lecionou até 1963, quando se aposentou e passou a escrever semanalmente para os jornais “Folha de S. Paulo” e “Jornal do Brasil”.

Alceu Amoroso Lima foi reitor da Universidade do Distrito Federal, membro do Conselho Nacional de Educação e um dos fundadores do Movimento Democrata-Cristão da América Latina

Sem dúvida, Alceu Amoroso Lima foi um dos maiores representantes brasileiro da Sociologia Católica⁷¹, tendo estado, nos anos de 1930, envolvido no debate pedagógico nacional, realizando “[...] severo combate aos princípios filosóficos da Escola Nova”

⁷¹ Dentre suas influências, citamos o Clube de Sociologia Tristão de Athayde que funcionava na em Santa Catarina, cujo objetivo era o de estimular as alunas normalistas a adesão aos princípios católicos.

(CURY, 1999, p. 42). Em 1932 participou da fundação da Liga Eleitoral Católica (LEC), tornando-se secretário-geral da organização, a qual visava apoiar qualquer candidato às eleições para a Assembleia Nacional Constituinte em 1933 que apoiassem os preceitos católicos. Em 1935, tornou-se diretor nacional da recém-criada Ação Católica Brasileira (DHBB, 2001).

Sua atuação como professor teve início um ano depois da publicação de sua obra "Preparação à Sociologia" (1931), quando tornou-se professor de Sociologia e doutrina social da Igreja no Instituto Católico de Estudos Superiores, vinculado ao Centro Dom Vital (DHBB, 2001). Foi um ferrenho opositor aos ideais escolanovistas, tendo feito fortes oposições a Fernando de Azevedo, um dos líderes desse movimento (DHBB, 2001).

Compêndio "Preparação à Sociologia" (1931(1931))

A obra "Preparação à Sociologia", de Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), teve sua primeira edição publicada pela editora carioca "Schmidt, Editor", em 1931⁷². Trata-se de parte do projeto de edição de livros do "Centro Dom Vital", instituição católica da qual Alceu Amoroso Lima era presidente. Nossa análise dar-se sobre a 2º edição⁷³, a qual tivemos acesso. Esta com 254 páginas.

O compêndio "Preparação à Sociologia" estava inserido nos esforços da Igreja Católica em fazer oposição aos ideias da Sociologia Laica. Tratava-se, mais especificamente, de um ação do Centro Dom Vital, que era uma associação civil "para estudo, discussão e apostolado" subordinada a Igreja Católica, tendo sido, até a criação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), em 1941, o principal centro intelectual do catolicismo brasileiro (DHBB, 2001).

Não há na obra indicação de público alvo. A edição examinada do livro não possui introdução ou apresentação, assim

⁷² Em 1942 pela editora Getúlio Costa republicou o manual.

⁷³ Não consta na obra o ano de publicação da segunda edição examinada.

como também não há prefácio. No início de cada capítulo há uma espécie de sumário. No fim do livro há um índice dos conteúdos e um índice do nomes citados ao longo do manual. A obra tem seis capítulos, sendo eles: i) Princípios sociaes; ii) Progresso social; iii) Estructura social; iv) Elementos sociaes; v) Anomalias sociaes e; vi) Ordem social.

Quanto a diagramação, o texto está em fonte tamanho 11. Os títulos dos capítulos estão em caixa alta, negrito em fonte tamanho 14. No início de cada capítulo há um sumário que apresenta os subcapítulos organizados a partir de parágrafos (§)⁷⁴. Os subcapítulos estão centralizados, negritos e distinguidos por parágrafos (§). Recorre-se ao uso de negrito para destacar palavras-chave.

As citações ao longo do texto aparecem de forma direta e indireta. Quando direta, traz informações bibliográficas em nota de rodapé que possibilita o leitor recuperar as obras utilizadas. As notas de rodapé também são usadas para inserir informações complementares ao texto. Há um uso significativo de enumerações para tornar a exposição do conteúdo mais organizado. Contudo, não se observa, além de um esquema, nenhum outro recurso didático, o que demonstra a pouca preocupação com estratégias e orientações pedagógicas. Notamos um esforço constante em refutar as diversas correntes da Sociologia Laica, adjetivando pejorativamente seus representantes de “sociologistas”.

Há uma preocupação em exemplificar os fenômenos apresentados, seja utilizando exemplos da história universal, seja da realidade brasileira, aspecto presente na ação de transposição didática (CHEVALLARD, 1998).

Diferentemente dos três manuais examinados, o compêndio Preparação à Sociologia - que não se configura como um manual escolar - não apresenta uma hierarquia de complexidade na exposição do conhecimento. Inicia com elementos gerais (princípios sociaes), passa por elementos mais complexos

74 Típico de textos jurídicos, o que pode ter sido influência de sua formação em Direito.

(anomalias sociais) ou se especializa (processo social), para retornar a aspectos básicos da Sociologia (ordem social). Em uma lógica estrutural pedagógica nos parece ser sensato a exposição, por exemplo, da ordem social antes de anomalias sociais, assim como apresentar primeiro “elementos sociais” antes de “estrutura social”. A forma organizativa do manual parece não colaborar para tornar o conhecimento em saber ensinável. Contudo, não é a penas a estrutura de apresentação do saber que determina a transposição didática. É necessário considerar os demais aspectos aqui examinados.

A articulação entre o saber novo e o antigo, dar-se a partir da primazia que as “leis” da sociedade advém na ordem divina, a qual seria eterna. Desta forma, tanto a obra de Peeters, quanto a de Athayde, não atentam para a preocupação da articulação destacada por Chevallard (1998) como característica do saber ensinável.

Por outro lado, o manual de Athayde, assim como o de Francisca Peeters, apresenta um conteúdo com saberes mais despersonalizados, se comparado aos demais manuais. O fator responsável para tal aspecto parece ser o mesmo nos manuais católicos: refutar o conhecimento produzido pelos teóricos positivistas e apresentar saberes supostamente existentes desde a fundação do cristianismo. A presença de menor esforço didático do manual de Athayde é reflexo de sua não intencionalidade de ter o espaço escolar como lócus de consumo de sua obra, ainda que outros manuais católicos o tenha tomado como fonte e seu, dessa forma, parte de conteúdo chegado as salas de aula.

Notamos que o conhecimento presente nos três manuais em análise dão, em grande medida, conta da tarefa explicitada por Chevallard (1998): responder aos domínios epistemológicos da ciência e da Sala de aula. Por um lado, os manuais da Sociologia Laica procurando apresentar os conhecimentos produzidos pela ciência sociológica e a dar conta do saber apropriado para a sala de aula; por outro, o manual de Sociologia Católica buscando fazer uma contraposição aos conhecimentos produzidos por essa ciência e transmitir tal refutação aos alunos.

Observar o compêndio de Tristão de Athayde nos possibilitou notar uma diferença existente em relação aos primeiros manuais de Sociologia aqui examinados: um esforço, ainda que incipiente se compararmos ao estágio atual, de transposição didática; o que não é significativamente presente em compêndio não escolar. Os manuais escolares se diferenciam do compêndio de Tristão de Athayde em sua estrutura organizativa dos conteúdos e a existência de preocupação com uso de algum tipo de estratégia didática para além dos intentos de um livro voltado ao público em geral, o que representa dizer que trazem, com certas variações, atividades, orientações aos alunos ou professores, esquemas, figuras, gráficos etc. Em síntese, podemos inferir que os compêndios que eram destinados ao ensino escolar traziam consigo intencionalidades pedagógicas que se materializavam nas páginas e na estrutura dos livros.

Considerações finais

Sabe-se que no decorrer da evolução da história da educação, os manuais escolares surgem como uma ferramenta de formação para os educadores em formação e/ou estratégia didática de uso do professor. Tendo em vista que os manuais possuem uma concordância com o período de publicação, a partir das obras analisadas, percebem-se os aspectos didática presentes na obra se imprimiram, também, a partir das disputas presentes na época. Observamos que no manual católico de Peeters há uma preocupação maior com o conteúdo em detrimento de recursos didáticos que pudesse tornar a obra mais acessível. A disputa ideológica teve maior centralidade nas preocupações da autores católicos, em comparação aos representantes da Sociologia Laica. Parte dessa postura está ligada ao fato de que as ideias científicas vinha ganhando espaço nos sistemas de ensino, principalmente no que diz respeito ao ensino de Sociologia. O que não significa dizer que a Sociologia predominantemente ensinada nas escolas era científica, como destacaram Bodart e Marchiori (2015). A questão é que a hegemonia católica estava em risco e em

decadência, o que se comprova com o sucesso dos Pioneiros da Escola Nova e as reformas educacionais que se sucederam a partir de 1925.

Ainda que mais explícitos os esforços dos autores católicos em legitimar sua Sociologia, todos os autores, de algum modo, fizeram defesa de uma(sua) Sociologia. Delgado de Carvalho, defendendo uma Sociologia aplicada, útil aos problemas cotidianos acabou tornando o texto mais próximo da realidade dos alunos, numa tarefa mais clara de transposição didática, o que se reforça com o tipo de atividades propostas ao fim de cada capítulo. Fernando Azevedo se mostrou mais preocupado em legitimar o caráter de ciência da Sociologia, reforçando o papel dos métodos científicos na compreensão dos fatos sociais, voltando-se para um esforço mais teórico, tornando o texto mais denso e complexo em relação aos demais analisados. Francisca Peeters, escreveu sua obra de forma mais acessível, em alguns momentos voltando-se para os leitores de maneira direta e informal. Comparativamente ao compêndio não escolar de Athayde, os manuais já imprimiam preocupações pedagógicas que não estavam em nesses compêndios voltados ao público em geral.

A análise dos elementos presentes nos livros considerou, alguns aspectos contextuais sobre os quais as obras foram escritas, incluindo a intenção e o público alvo. A partir da categorização de Comenius (1976), podemos afirmar que os três manuais aqui analisados se aproximam mais da categoria "livros de texto para alunos" do que "livros-roteiros" (*informatorii*). Ainda que fossem destinados a professores e alunos.

Quanto a presença de recursos didáticos como gráficos, tabelas e similares, não os encontramos no manual católico. Nos dois manuais da Sociologia Laica, ainda que sejam pouco presentes, já aparecem. Os recursos mais presentes em todos os manuais são as enumerações e o uso de destaques de termos e palavras-chave. Acreditamos que por se tratar de uma ciência em formação e tida como complexa, os esforços estavam sobre a apresentação dos conteúdos e defesa de uma dada epistemologia.

A grande diferença entre os três manuais e o compêndio de Tristão de Athayde está na hierarquia ascendente dos conteúdos de acordo com sua complexidade ou importância para a aprendizagem; os manuais consideram tal hierarquia. Notamos em dois (Sociologia Aplicada e Noções de Sociologia) dos três manuais que há um esforço em despersonalizar o conhecimento transmitido, aspecto característico da transposição didática, como hoje a conhecemos.

No que tange ao esforço em tornar o saber em exercícios e problemas, como preconizado por Chevallard (1998), nos parece que a proposta de Delgado de Carvalho é mais concreta, isso por apresentar a Sociologia como um saber aplicável. Quanto a característica do saber ensinável destacada por Chevallard (1998) marcada pela articulação entre saber novo e saber antigo, não se aplica aos dois manuais de Sociologia Católica aqui examinados.

As análises aqui empreendidas, longe de desvelar os aspectos da transposição didática que envolviam o ensino de Sociologia durante os anos de 1930, elucidam alguns esforços presentes nos três manuais escolares em tela, evidenciando alguns aspectos de semelhanças e diferenças entre os instrumentos didáticos produzidos no contexto da Sociologia Laica e da Sociologia Católica. Apesar das limitações que a distância temporal imprime sobre as análises de elementos didáticos, acreditamos que o leitor pôde encontrar aqui questões colaborativas para pensar as preocupações envolvendo a transposição didática na produção de manuais de Sociologia publicados nesse período e notar que os manuais já vinham se apresentando como um produto diferenciado a fim de atender os propósitos pedagógicos.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Vera Lúcia Cabana. Delgado de Carvalho e a opção pela Educação brasileira. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento, histórico e diálogo nacional. Natal-RN, 2013.

ALMEIDA, C; CIMINO, M. Fernando de Azevedo: uma escrita de história. Revista Educação Pública. Rio de Janeiro, 2012.

ALVES, Gilberto Luiz. Textos escolares do ensino secundário no Brasil: da época

dos jesuítas aos nossos dias. In: _____. Textos escolares no Brasil: clássicos, compêndios e manuais didáticos. Campinas: Autores Associados, 2015.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BODART, Cristiano das Neves. Sociologia Escolar: ensino, discussões e experiências. Porto Alegre: Cirkula, 2018.

_____; CIGALES, Marcelo. O ensino de Sociologia no século XIX: experiências no estado do Amazonas (1890-1900). História, Ciência, Saúde – Mangunhos. no prelo. 2019.

_____; MARHIORI, Cassiane Ramos. Fundamentos do ensino de sociologia católica em uma escola normalista pública em 1935. Cadernos Eletrônicos de Ciências Sociais, v. 3, n. 2, 2015.

BRITO, Sílvia Helena A. de. O ensino de sociologia no Colégio Pedro II e os compêndios produzidos por Carlos Miguel Delgado de Carvalho: 1931-1939. In: ALVES, Gilberto Luiz. Textos escolares no Brasil: clássicos, compêndios e manuais didáticos. Campinas: Autores Associados, 2015.

CAMPOS, Fernando R. A sociologia da educação nos cursos de formação de professores nas décadas de 1930 e 1950: um estudo da disciplina a partir dos manuais didáticos". Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

CARVALHO, Delgado. Sociologia aplicada. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Companhia Editora Nacional. Vol. XVII. São Paulo. 1935.

CHEVALLARD, Yves. La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado. 3. ed. Buenos Aires: AIQUE, 1998.

_____. Sobre a Teoria da Transposição Didática: algumas considerações introdutórias. Revista Educação Ciência e Matemática. V.3, n.2, 2013.

_____; BOSH, M. e GASCÓN J. Estudar Matemáticas o Elo entre o Ensino e a Aprendizagem. Arimed. Porto Alegre, 2001.

CHOPPIN, Alain. Le manuel scolaire: une fausse évidence historique. Tradução: Maria Helena C. Bastos. Revue Histoire de l'éducation. SHE/INRP, n.117, jan-mars 2008.

CIGALES, Marcelo Pinheiro. A sociologia educacional no Brasil (1946-1971): análise sobre uma instituição de ensino católica. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

_____. A sociologia católica de Francisca Peeters na constituição do campo educacional brasileiro na década de 1930. Revista Em Tese, Florianópolis, 2019 (no prelo).

CURY, C. R. J. Alceu Amoroso Lima. In: FÁVERO, M. L. A.; BRITO, J. M. Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ/MEC/INEP, 1999. p. 39-44.

DHBB. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

FURTADO, Alessandra C.. Por uma história das práticas de formação docente: um estudo comparado entre duas escolas normais de Ribeirão Preto - SP (1944-1964). Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, 2007.

MAGALHÃES, J. (1999). Um apontamento para a história do manual escolar entre a produção e a representação. In: R. Vieira de Castro, A. Rodrigues, J. Silva, M. Sousa (org.). Manuais Escolares – Estatuto, Funções, História. Braga: Instituto de Educação e Psicologia Universidade do Minho, 279-301.

MEUCCI, Simone. A institucionalização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos [1900-1948]. 2000. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MOREIRA, J; MARTINELLI, T. História, educação e infância: uma análise a partir da Pequena História da Educação, das madres Peeters e Cooman (1936). Diálogos (Maringá. Online), v. 19, n.3, p. 1315-1335, set.-dez./2015.

NASCIMENTO, Alessandra S. Fernando de Azevedo: dilemas na institucionalização da Sociologia no Brasil. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, 2011.

OLIVEIRA, Sandra Maria de; GATTI JÚNIOR, Décio. A reação católica e a formação de professores no Brasil: os manuais disciplinares Noções de Sociologia e Educação (História da Pedagogia). Problemas actuaes das Madres Peeters e Vooman (1935-1971). Revista Brasileira De História Da Educação. v. 18, 2018.

PEETERS, Madre. Noções de Sociologia. Editora Proprietária. Comp. Melhoramentos de São Paulo. Ed. 2. 1935.

SILVA, Ileize Luciana Fiorelli. O ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Brasil: histórico e perspectivas. In: MARAES, Amaury Cesar. Sociologia. Volume 15. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino).

VERRET, M. Le temps des etudes. Paris: Librairie Honore Champion, 1975.